

UM TEXTO E VÁRIOS PERSONAGENS:

um projeto de informação em discussão

Sílvia R. Costa Salgado

Século XXI: o mundo

Assiste-se a progressos inimagináveis. Temas misteriosos são agora corriqueiros. Ninguém mais “engasga” diante da biotecnologia, da microeletrônica, da informática ou da robótica.

As telecomunicações avançadas respaldam uma “aldeia global” muito menos romântica do que aquela descrita pelo filósofo da comunicação muitos anos antes: o mundo é uma grande aldeia produto da internacionalização da economia que promete cooperação internacional e ampliação de mercados. Convive-se com contínuas em grandes dificuldades, com países que enfrentam problemas na busca de novos modelos econômicos, com crescimentos econômicos capengas e até com a recessão daqueles que pertencem ao chamado mundo desenvolvido.

A tecnologia avança por caminhos considerados possíveis apenas na ficção científica. O ar está poluído e os mares e rios estão poluídos. Há poluição sonora e de muitas outras espécies. O equilíbrio ecológico está

Descreve foro imaginário onde são apontados diversos aspectos da discussão de um projeto de informação para um país fictício no início do século XXI. Por meio do discurso dos personagens, apresenta a pluralidade de conceitos que caracteriza esse debate: da difusão do conhecimento científico-tecnológico à ampla disponibilização de informações de interesse dos diversos segmentos da sociedade civil.

ameaçado e as ciências procuram solucionar o problema.


Mudanças políticas internacionais abrem possibilidades para processos de democratização. Há guerras e racismo de todo tipo. O cidadão não quer mais estar alheio às decisões.

O mundo é de contrastes, enfim. A paz choca-se com a intolerância; o progresso com a ameaça de destruição do planeta; a riqueza com a exclusão. Tudo muito parecido com o que já era apontado no fim do século XX. Incertezas...

Ainda discute-se o tipo de Estado requerido para atuar como um dos

atores centrais em face das possibilidades e exigências apresentadas pelo século XXI.

O país do futuro

 país que se acostumou a pensar ser o país do futuro chega ao século XXI com seus indicadores econômicos situando-o como quarta ou quinta potência econômica; e os sociais enquadrando-o no conjunto dos países mais pobres da Terra. Conforme a imprevisibilidade e complexidade dos novos tempos, apesar de tudo há avanços e são buscadas saídas que façam a sociedade progredir (e não só o país).

O país que se acostumou a pensar ser o País do futuro chega ao século XXI *enxergando* os problemas sob o enfoque do desenvolvimento humano, diferentemente do que ocorreu até o final do século anterior. Discute-se a implementação de um novo Estado que gere bem-estar, que permita acesso aos bens culturais, que melhore a qualidade de vida focalizando toda a atenção no cidadão. Questiona-se a estranha distribuição de renda, o papel deficiente do Estado e a falta de articulação das políticas econômicas e sociais.

O país que se acostumou a pensar ser o país do futuro chega ao século XXI rejeitando o Estado burocrático fechado à participação da

cidadania. Descentralização, transparência e desburocratização deixam de ser *bicho-papão* para ser metas a atingir. Não se fala mais em confronto entre Estado e sociedade civil. Busca-se formas de interrelação para aumentar a capacidade de gestão efetiva.

O país que se acostumou a pensar ser o país do futuro toma consciência de que a capacidade de informação se torna um dos principais parâmetros de salto para um novo estágio de desenvolvimento do país que se acostumou a pensar ser o país do futuro e que chega ao século XXI.

Questões sobre o novo Estado necessário são debatidas em diversos foros. Como empreender modificações tão profundas sem falar de uma proposta para a informação? A gestão da informação passa a ser tema de reflexão. Um minucioso levantamento revela um incrível número de "projetos de informação" elaborados principalmente nas últimas décadas do século XX. Grandes propostas! A análise das mesmas, entretanto, revela que a informação não é tratada como um recurso em si e, menos ainda, apresentam formas para geri-la, considerando-a como recurso estratégico.

Está posto o pano de fundo que permite ser possível a convocação de um debate nacional para discutir a questão da informação inserida na concepção de um Estado reformulado em seus traços institucionais e gerenciais básicos.

O conclave

Coordenado por Hércules Pires Barbosa, o grupo reunido representa vários segmentos da sociedade. Discussões preliminares ocorreram em várias localidades do país e agora Hércules é responsável por executar a síntese para a elaboração das diretrizes básicas para a nova política de informação. Tarefa hercúlea!

Políticos; cientistas; pesquisadores e técnicos; comunicólogos; bibliotecários e documentalistas; jornalistas; sociólogos fazem parte do seletto grupo. Entre eles estão: Hipócrates Teixeira - um dos maiores pesquisadores do país; Delmiro Sales Gouvêa - pioneiro empresário nordestino; Samantha Silva e Silva - bibliotecária respeitada na área científico-tecnológica; Esperança Vitória - prefeita de Céu Azul e representante dos dirigentes de pequenos e médios municípios; Zenódato Atarcorub - funcionário antigo do governo; Merlin Fagundes - um velho conselheiro tido como sábio e excêntrico.

Hércules B. - Não podemos pensar em modelos para um novo Estado sem considerar a questão da informação que faz parte de todas as ações de redesenho do Estado. Almejamos um Estado que elabore políticas estratégicas que, entre outras coisas, aproxime a pesquisa e a prática e permita a participação efetiva da sociedade na direção de um projeto nacional de

produtividade e desenvolvimento. Não se está falando, portanto, apenas das informações de interesses individuais. Precisamos discutir as informações de interesse coletivo. Enquanto que para as informações individuais é possível esperar que cada indivíduo formule suas necessidades, esperando atingir apenas aos que já sabem que podem procurar informações, para as informações coletivas precisamos identificar o perfil de uma comunidade ampla e elaborar serviços para sua difusão. Talvez seja o caso de pensar no próprio processo de produção de informações...

Hipócrates T. - Se há uma coisa que não podemos falar é da produção de informação na área científica. O país possui um significativo potencial nas entidades de pesquisas. Nossa tecnologia já poderia estar em fábricas, escritórios, na educação e na casa das pessoas.

D. Gouvêa - Não discordo que vocês produzam. Mas, onde está a produção? Se o objetivo maior do processo de pesquisa tecnológica não é a utilização pelo setor produtivo, eu pergunto o que alguém já indagou: Para que serve a ciência?

Hipócrates T. - Por que vocês empresários não recorrem às instituições de pesquisa na busca de soluções tecnológicas? Eu mesmo posso responder: porque vocês desconhecem os recursos disponíveis; porque vocês nem sabem o que necessitam; porque vocês não querem dispor de recursos finan-

ceiros para contratar esses serviços.

D. Gouvêa - Saiba que o problema maior não é nosso! A culpa é do governo... Não temos acesso aos mecanismos das políticas para os nossos segmentos produtivos. Se é que eles existem!

Hércules B. - Por favor senhores! A verdade é que existe um processo de incomunicabilidade mais que secular: de um lado as instituições produtoras de tecnologia com seus conhecimentos guardados como tesouros; e de outro o setor produtivo e, mais ainda, a comunidade em geral que precisa de soluções para seus problemas. Estamos aqui para encontrar um meio que faça essa aproximação. E, aí, temos que refletir justamente sobre informação. Vencer a guerra contra o *status quo* é vencer a guerra da informação... É estabelecer parâmetros para a função informacional em todos os níveis. Não há gestão possível sem informação!

Samantha S. - Para reverter a situação que vivemos é preciso sistematizar e disseminar informações que apoiem o desenvolvimento de pesquisas e tecnologia e, ao mesmo tempo, alimentem sistemas de informação que difundam conhecimentos aos segmentos que deles necessitem. É bom lembrar ainda que não é só a comunidade científica que produz conhecimento...

Merlin - Só a síntese dos saberes pode alimentar a dinâmica da transformação e do conhecimento...

Atarcorub - Do que ele está falando?

Merlin F. - Vejamos a agricultura, por exemplo, o técnico - que se relaciona com o produtor e com a própria realidade - também tem informações que devem chegar à comunidade científica. O produtor, por sua vez - com sua experiência e seus contatos com diversos agentes - detém informações que nenhum "arquiteto" de sistemas de informação ousou sonhar...

Hipócrates T. - O que eu acho é que existe injustiça contra os pesquisadores... Penso também que pôr a ciência e a tecnologia a serviço dos indivíduos não é tarefa de um só grupo... Nem mesmo de um só órgão federal, mesmo que específico. Estados e municípios devem ter responsabilidades sobre essa ação!

Hércules B. - Muito bem, caro Dr. Hipócrates. É por isso que a gente fala em descentralização de Estado. Reconhecemos que as regiões e os municípios podem estar em melhores condições que o governo central para tratar de muitas questões. É o espaço local que compreende de fato as necessidades do cidadão. E aí, entra até um outro aspecto da informação: como a administração municipal enfrenta as demandas da popula-

ção, é lá que deve haver mecanismos de controle de gestão e, para isso, os cidadãos devem ter acesso à informação...

Atarcorub - Vamos com calma senhores! Os administradores locais estão muito longe da preocupação com informação... Essa coisa de participação então... Isso é coisa para as elites locais! Fonte luminosa ainda dá ibope...

Esperança - As coisas mudaram Sr. Atarcorub! Os fatores que criaram o esteriótipo do "Prefeito Fonte Luminosa" são muito mais consequências de uma pátria baseada na centralização decisória do que resultado da falta de complexidade em se gerenciar um município. Como prefeita eu preciso, no mínimo, dirigir politicamente Céu Azul, ou seja, estabelecer diretrizes e organizar a máquina administrativa, colocando-a em movimento... Afinal, a obrigação do município - posta claramente na Constituição - é a prestação de serviços públicos de forma ampla, incluindo o desenvolvimento econômico... O senhor imagina que isso seja fácil?

Atarcorub - De forma alguma minha cara prefeita! É que o assunto é informação...

Esperança - Pois fique sabendo que para o pesquisador, para o cientista - considerados tradicionalmente como os expoentes máximos do uso de informação - a busca por informação pode ser até

mais simples do que a verificada em relação ao uso de informação pela gestão local. A chamada informação tecnológica é apenas um dos aspectos das necessidades de informação do município... O que é o processo legislativo, por exemplo, se não um processo de tomada de decisões? O senhor imagina quais e quantas informações os vereadores precisam para a escolha da melhor alternativa para resolver um problema e, antes disso, no próprio estabelecimento de alternativas viáveis?

Atarcorub - Por favor, Dona Esperança Vitória . . .

Esperança - E a comunidade? A participação não se dá apenas como o voto! Ela pressupõe que o cidadão tenha informações par refletir, analisar e propor em caráter de igualdade sobre coisas que vão além das demandas do cotidiano imediato e da mobilização por problemas pontuais. A comunidade organizada também é responsável pela gestão local. Como planejar e elaborar orçamentos e políticas sem informação? Como ter acesso a conhecimentos específicos das diversas áreas em que tenho que atuar para fornecer bens e serviços sem informação?

Atarcorub - Estamos falando de outra informação...

Esperança (irritada) - Que outra informação?

Samantha S. - Não podemos levar a discussão para o *pedaço* de cada um. Trata-se de *enxergar* a informação em sua globalidade neste País e não na excelência de um campo ou de uma instituição. A máquina federal, por exemplo, tem uma boa quantidade de unidades produtoras, captadoras e disseminadoras de informação, mas... e daí? Uma empresa pode ter um bom produto e ser globalmente deficitária, não?

Todos estão exaustos. Hércules Pires Barbosa resolve por um intervalo.

O RETORNO: FALA MERLIN!

Hércules B. - Senhores, a questão é complexa. Temos que ter tranquilidade. Não devemos nos ater em exercícios passados. Tentemos “ver” a informação para o presente e, sobretudo, para o futuro...

Merlin F. - Eu quero recomeçar... Por que não falamos de uma proposta para bibliotecas?

Diante do espanto de todos, Merlin continua:

Merlin F. - Estou propondo que vejamos a Biblioteca como um dos elementos fundamentais no conjunto de serviços de informação que pretendemos alcançar. Estou muito longe de desejar discutir a Biblioteca marcada pelas aspirações principalmente dos membros

ditos *cultos* que sempre apregoaram que quem quiser “subir na vida” tem à disposição escolas e bibliotecas. Proponho que *enxerguemos* a biblioteca como estrutura de um projeto em que a informação só tem valor de verdade quando aquele que dela necessita consegue entender, se apropriar de seu conteúdo, a partir de seu próprio enfoque, a partir de seu próprio ponto de vista, a partir de seu interesse...

Atarcorub - Mas, o que o lunático do Merlin está falando agora? Nós estamos falando de informação, de produção e distribuição de conhecimento, o senhor está lembrado?

Merlin F. - Caro Atarcorub... Eu sei muito bem do que estamos falando. Sei também que o século XXI requer respostas não convencionais para que se possa avançar. A companheira Samantha está certa, é preciso uma proposta global. A sociedade toda precisa se educar para o novo contexto que estamos vivendo. Se o que pretendemos é abrir possibilidades de acesso à informação cada vez maiores, através da integração de mais informações e mais conhecimento em produtos, serviços e decisões, porque não incluir a reflexão sobre bibliotecas?

Hércules B. (interrompendo) - Onde o senhor quer chegar?

Merlin - A gestão da informação e do conhecimento é vital. Deve abranger o maior escopo possível

e contemplar a totalidade dos cidadãos... Se devemos passar do impreciso ao operacionalizável, por que até agora não falamos em biblioteca? Se todos concordamos que precisamos de um projeto global de informação, como refletir sobre ele, sem falar de biblioteca?

Atarcorub - Senhores! Todas as posições expostas aqui têm uma perspectiva macro... Reduzir a questão de informação à discussão sobre biblioteca é um pouco demais, não? Além disso é voltar a choradeira da falta de recursos humanos, financeiros, materiais...

Samantha S. - Pensando bem eu concordo com o Sr. Merlin. Se a biblioteca não é pensada como serviço essencial, deve ser vista pelo menos como serviço necessário. Temos que olhar criticamente para as estruturas em funcionamento e repensá-las descortinando - para a conjuntura do momento - seu real papel, sua verdadeira contribuição e sua possível inserção nas políticas públicas governamentais. O problema maior da biblioteca - seja especializada, escolar, universitária ou pública - é a falta de reconhecimento de sua importância e necessidade no processo educacional em particular, e no desenvolvimento econômico, social e cultural em geral.

Atarcorub - Vocês estão considerando biblioteca como resposta inovadora e criativa aos problemas de produção e difusão do conhecimento?

Merlin F. - Inovação significa também resgate, caro Atarcorub! Estamos apenas considerando que não se pode falar em política de informação sem incluir a biblioteca. Aproveitando os ventos das transformações, penso que chegou, inclusive, a hora de falar da biblioteca pública especificamente...

Hipócrates T. - Agora complicou... Que o senhor queira trazer a discussão a biblioteca especializada, a universitária ou até a escolar, eu posso compreender. Mas, a biblioteca pública?

Merlin F. - Por que não? Lembrese, caro Hipócrates que, além dessa estruturas de informação, você tem - em nosso país de proporções desconhecidas - populações de localidades com características políticas, sociais e econômicas próprias que potencialmente são público usuário de informação. Eu sei que pensar na biblioteca pública como parte de uma proposta global de informação pode parecer estranho. Afinal, cálculos pessimistas apontam a inexistência de bibliotecas em cerca de 70% das cidades e estimativas mais otimistas diminuem esse número para 50%. Na verdade, a biblioteca é até apontada como inútil inicialmente...

Atarcorub - Eu não digo isso de forma alguma! Como os alunos fariam as pesquisas escolares, não fossem essas instituições? E as crianças pobres que não podem nem comprar enciclopédias? Além disso, a biblioteca pública tem a missão de divulgar a boa leitura...

Samantha - O senhor acha que a função da biblioteca pública *pode* assim ser resumida? Ela só serve aos estudantes e aos que sabem ler?

Atarcorub - Acho que ela tem também a função, importantíssima, de promover a verdadeira cultura nacional para que os jovens passem a se defender dos meios de comunicação de massa que só veiculam *porcarta*. O que eu discuto é que se queira inserir a frequência de analfabetos ou a presença de donas de casa nesse ambiente sagrado da leitura. Ou então... de *cabeças de vento* que sugerem teatro, dança, shows e outras manifestações no espaço que deve ser do livro, da leitura.

Samantha - Sr. Atarcorub... a biblioteca escolar continua inexistente. Realmente o grande público da biblioteca pública é o estudante. O fato não é, em si mesmo, negativo, apenas se refere ao nosso país. Entretanto, não podemos comungar com aqueles que apregoam a farsa da pesquisa escolar. Sem a interação com a escola, a biblioteca é mera fornecedora de *xerox*. Não se questiona a função educacional da biblioteca pública, mas ela precisa ser reformulada para ser elemento efetivo na melhoria do processo educacional...

Esperança - E tem mais... A biblioteca é também lugar de lazer. Eu discordo do Sr. Atarcorub quanto a excluir analfabetos ou quaisquer ou-

tros segmentos. A biblioteca de Céu Azul atende o estudante, o idoso, a dona de casa, o agricultor...

Merlin - Penso que devemos trabalhar com conceitos amplos. Atarcorub é um homem culto. Entretanto, o fato de vincular cultura à erudição, restringe a função cultural da biblioteca ao mero repasse de conhecimento nesse contexto. É a cultura da comunidade? Com a instituição pode ter peso na vida cultural local, se ela não tiver nada a ver com seus habitantes? Quanto à função educacional, tão bem definida pela Sra. Samantha, ela não deve estar limitada à educação formal. A biblioteca é um serviço público financiado pelos cofres públicos, mediante pagamento de impostos... Deve ser um verdadeiro centro de informação útil a todos os segmentos e a informação pode ser oferecida através da palavra escrita e/ou quaisquer outros meios e suportes. Ela não é pública apenas porque é mantida pelo Estado.

Hércules B. - Por favor, objetive mais seu discurso Sr. Merlin!

Merlin F. - Pensei que estivéssemos aqui para refletir sobre um projeto realmente global e inovador para a informação...

Hércules B. - E estamos!

Merlin F. - Pensei que estivéssemos aqui para discutir a informação sob enfoque social, político e cultural e não apenas sob o ponto de vista econômico ou

tecnológico...

Hércules B.- E estamos, Sr. Merlin! Para o Estado, a informação é recurso, é serviço, é mercadoria, é fonte de emprego... Pensamos em tecnologia de informação por ser ela a chave que possibilita a difusão. No entanto, isso não elimina o reconhecimento da importância do acesso à informação como fator de melhoria da qualidade de vida; do uso e liberdade de informação como essencial para o redesenho do Estado; da compreensão do valor cultural da informação...

Merlin F. - Se reconhecemos esses aspectos todos... Se falamos em coisas como descentralização; Estado em rede; novo estilo gerencial; reinvenção do Estado com poder real do cidadão etc, etc, por que não relacionar a questão da informação também com biblioteca pública que pode funcionar como uma verdadeira agência local de captação, processamento e disseminação de informações, além de educar o indivíduo na arte de informar-se? Por que não pensamos na biblioteca que atenda a todas as camadas da população - letrada ou não - assumindo sua validade social através de suas funções de fornecimento de informações de utilidade para o dia-a-dia do cidadão? Por que não refletimos sobre os limites traçados pela realidade - baseados na noção racional e mais atual de serviço público - e compreendemos, de uma vez por todas, que nosso

país não precisa apenas de bibliotecas em instituições de pesquisa?

Silêncio. Reflexão. O coordenador solicita manifestações do grupo.

Samantha - Se o Estado deve modificar suas infraestruturas de informação - pessoal, instituições, políticas governamentais e atitudes - em relação à captação e distribuição, por que não? Se investir na produção de informação através das atividades de pesquisa e desenvolvimento e na ampla distribuição de informação através da educação (formal e não formal) pode ser o único meio para permitir melhoria contínua na qualidade de vida... Por que não?

D. Gouvêa - Se é importante que sejam identificadas e corrigidas as situações que conduzem ao não uso ou ao uso ineficiente de informações, seja pela falta de disponibilidade de informações necessárias, seja pela não confiabilidade das informações e/ou pela forma inadequada de apresentá-las... Por que não?

Esperança - Se considerarmos importante o estabelecimento de política pública de comunicação entre administração e comunidade no mesmo patamar das outras políticas... Por que não?

Hipócrates T. - Se isso contribui para a articulação entre as instituições produtoras, geradoras e disseminadoras de informações para a ampliação do público a ser

atingido... Por que não?
Hércules B. - (buscando consenso) - E o senhor, Atarcorub?

Atarcorub - É muito *se* para o meu gosto... Entretanto, se as proposições levam ao objetivo maior de formular uma política global de informação... Por que não?

Bibliografia

BOTELHO, Tania M. e **COSTA**, Sely Marcia de Souza. O espaço quartenário no setor da informação: significado e perspectivas. *Revista de Informação Legislativa: Brasília*, 28 (112) : 457-74, out./dez. 1991.

KLIKSBERG, Bernardo. Redesenho do Estado para o desenvolvimento sócio-econômico e a mudança: uma agenda estratégica para discussão. *Revista de Administração Pública: Rio de Janeiro*, 28(3):5-25, jul./set. 1994.

SALGADO, Sílvia Regina da Costa. Um usuário muito especial: a informação enquanto recurso para a administração municipal. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: Eca/USP, 1989.

Resumen

UN TEXTO Y VARIOS PERSONAJES: UN PROYECTO DE INFORMACIÓN EN DISCUSIÓN

Describe el foro imaginario donde son señalados diversos aspectos de la discusión de un proyecto de información para un país ficticio a principios del siglo XXI. A través del discurso de los

personajes, presenta la pluralidad de conceptos que caracteriza ese debate: de la difusión del conocimiento científico-tecnológico a la amplia disponibilidad de informaciones de interés de los diversos segmentos de la sociedad civil.

Abstract

ONE TEXT AND MANY
CHARACTERS: A PROJECT OF
INFORMATION IN DISCUSSION

Paper describes the imaginary forum in which many aspects of discussion on a project of information are pointed for a fictitious country in the early XXI Century. Through the discussions of the characters, it presents the plurality of concepts which characterize the debate - the diffusion of scientific and technological knowledge by broadening the availability of information that interests the sectors of society.

Sílvia R. Costa Salgado é gerente
de informação e documentação
da Fundação Prefeito Faria
Lima.
